

A presença batista em Mato Grosso

Ademar Alves da Silva¹

Resumo: Neste artigo, apresento uma resenha dos fatos históricos que foram determinantes para a implantação e o desenvolvimento da igreja batista no Mato Grosso, nas décadas de 1910 a 1940. Além disso, estudo os conflitos sociais enfrentados pelos protestantes e as restrições impostas às mulheres no âmbito das igrejas.

Palavras-chave: protestantismo; Batistas de Mato Grosso; Instalação batista no Mato Grosso.

The baptist presence in Mato Grosso

Abstract: In this article, I present an overview of the historical events that were instrumental in the establishment and development of the Baptist church in Mato Grosso, in the decades from 1910 to 1940. Also, study the social conflicts faced by Protestants and the restrictions imposed on women within the churches.

Keywords: Protestantism; Baptists of Mato Grosso; Mato Grosso Installation Baptist.

A FUNDAÇÃO DA IGREJA BATISTA NO MT

Os primeiros protestantes que chegaram à região vieram em busca de melhores condições de vida. No início do século XX, protestantes de vários lugares do Brasil se somaram às pessoas que partiram em direção à região Centro-Oeste do Brasil, atraídas pela possibilidade de adquirir terras férteis a preços irrisórios. Para os protestantes, à questão econômica que está na base dessa marcha deve ser agregada a ânsia de eles se livrarem da perseguição religiosa que enfrentavam nos lugares onde residiram anteriormente. (NOGUEIRA, 2004, p. 48).

Ao que tudo indica, a primeira instalação de protestantes na parte Sul do antigo Mato Grosso ocorreu no município de Corumbá, o mais importante centro comercial do Estado, no começo do século XX. Os primeiros protestantes a chegar foram os episcopais, do Rio Grande do Sul, e os presbiterianos, de São Paulo e Minas Gerais. De modo que, quando os primeiros batistas chegaram à cidade, se congregaram com os episcopais e presbiterianos em seus locais de adoração e estudo. Segundo a pesquisa de

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Sérgio Nogueira (2004, p. 48-49), alguns ensinamentos ministrados pelos episcopais e presbiterianos não foram aceitos pelos batistas, por serem estranhos às suas doutrinas, como por exemplo, o batismo por aspersão e de crianças recém-nascidas. Essa falta de afinidade doutrinal motivou os batistas a lutarem para fundar sua própria congregação e seu próprio templo. Nasceu, assim, a Primeira Igreja Batista de Corumbá, em 1911.

Os primeiros batistas chegados ao Estado eram procedentes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como outros conterrâneos, eles chegaram a Corumbá para tomar posse de terras adquiridas na região, para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB ou para servir ao exército e à marinha nas cidades de Corumbá e em Ponta Porã. Uma das primeiras atitudes desses primeiros batistas no Mato Grosso foi solicitar à Convenção Batista Brasileira, sediada no Rio de Janeiro, o envio de um missionário batista a Corumbá.

Em resposta, a Convenção Batista Brasileira enviou ao Mato Grosso o jornalista A. B. Deter. Em 05 de agosto de 1911, o missionário jornalista realizou uma conferência para a qual foram convidadas diversas autoridades: o General de Divisão, as autoridades federais, estaduais e municipais, os profissionais da imprensa e representantes da sociedade civil. Conforme revela Nogueira, Deter a princípio teve medo de aceitar o envio para Corumbá, pois tivera medo das violências noticiadas sobre o Mato Grosso em outras partes do Brasil, por exemplo, que matavam-se sem motivo algum, “à toa”, no lugar. Já na cidade de Corumbá, ele chegou a ver um assassinato mas, mesmo assim, ele prosseguiu na sua missão pioneira. No dia 20 de agosto de 1911, foi oficialmente fundada a Igreja Batista de Corumbá. Seus primeiros membros eram quatro portadores de cartas demissórias² da Igreja de Rio Largo, Alagoas, e 53 pessoas que se tornaram membros da igreja através do batismo por imersão nas águas do Rio Paraguai (URBIETA, 1960, p. 29).

A prosperidade econômica do Estado e a fundação de várias cidades ao longo da linha ferroviária estimulou os batistas a iniciarem atividades evangelísticas e a fundarem igrejas locais nas cidades que iam sendo criadas.

² Cartas demissórias são documentos de recomendação dada por uma Igreja Batista local para outra Igreja Batista local, para que esta aceite como membro aquela pessoa portadora da carta demissória.

A Estrada de Ferro NOB era economicamente importante para a região, por ser a melhor alternativa para o transporte dos produtos que abasteciam o mercado do Sul do Mato Grosso e para escoamento da produção regional. Foi relevante também para facilitar a locomoção dos primeiros pastores e missionários que iniciaram o trabalho batista em algumas regiões deste Estado. Graças à Estrada de Ferro surgiram as primeiras igrejas batistas nas cidades de Aquidauana, no ano de 1915; Campo Grande em 1917; Ponta Porã e Três Lagoas no ano de 1925 (NOGUEIRA, 2004, p. 52, 61). A NOB unia o interior de São Paulo a Porto Esperança, às margens do Rio Paraguai. Do Porto Esperança, as pessoas que tinham interesse em prosseguir até Corumbá seguiam em embarcações, por intermédio de uma hidrovia. A mobilidade e o crescimento econômico da região foram fatores importantes para as iniciativas de expansão da Igreja Batista no MT. Segundo Nogueira, a expectativa de crescimento das Igrejas Batistas no Mato Grosso era concomitante a uma carência de líderes capacitados em todos os estados do Brasil. De modo que a implantação de novas igrejas dependeu também do envolvimento dos membros comuns.

Em 1918, houve a Assembléia da Convenção Batista Brasileira, em Vitória-ES. À época, os batistas voltavam suas atenções para a evangelização na região Centro-Oeste do Brasil. Foi quando a missão de evangelizar o Mato Grosso ficou aos cuidados do missionário Ernest A. Jackson e sua esposa, um casal com muito prestígio junto às lideranças batistas, pelo grande número de evangelizados por eles no decorrer de muitos anos de experiência missionária (NOGUEIRA, 2003, p. 55-56).

Na época, o Mato Grosso tinha uma superfície de 1.239.159,7 quilômetros quadrados e 400.000 habitantes, ou seja, era um campo desafiador, por possuir muitas áreas inexploradas, riquezas naturais e minerais, aldeias com indígenas “ainda selvagens” (NOGUEIRA, 2003, p. 57). Faltava infra-estrutura tanto para o Estado quanto para a própria Igreja Batista para percorrer esse vasto território, o missionário Jackson ficou morando em São Paulo de onde supervisionava o trabalho do evangelista e pastor Pedro Sebastião Barbosa, que atuava em Mato Grosso. Foi apenas em 1920 que o missionário norte-americano mudou-se para a cidade de Campo Grande (CRABTREE in NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Os missionários Jacksons contribuíram na implantação e na estruturação das Igrejas Batistas em Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e das Congregações de Três Lagoas e Miranda (NOGUEIRA, 2003, p. 60). Em Campo Grande, foram responsáveis pela fundação de uma escola, que apesar de pequena e com poucos recursos, correspondia à estratégia utilizada por diversos missionários norte-americanos - como Dr. Shepard, Dr. David Luke Hamilton, os Bagbys, Frederick William Taylor - para expandir as convicções religiosas e cívicas dos batistas através do ensino.

O pastor Jackson liderou a Igreja Batista de Campo Grande entre o ano de 1919 até 1922. Ele sofreu um forte desânimo com relação ao futuro da missão no Mato Grosso quando, por volta de junho de 1922, seus planos de fundar uma escola agrícola junto de George Goodman foram interrompidos porque a sociedade missionária batista do sul dos Estados Unidos não aceitou financiar o projeto (CRABTREE in NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Wattie Bethea Sherwood foi o missionário que substituiu o casal Jackson. Em meados de 1921 Sherwood, que estava no Brasil aprendendo a língua portuguesa, fez sua primeira visita à Igreja Batista de Campo Grande. Ele tinha a pretensão de dedicar-se ao trabalho de evangelização no interior do Brasil. Dessa forma, os Jacksons retornaram de licença para os Estados Unidos, passando para Sherwood o trabalho missionário no MT (NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Sherwood registrou em sua agenda como Jackson estava desacreditado com a expansão da obra missionária no Mato Grosso:

[...] Também escutei indiretamente que o irmão Jackson não retornará para Campo Grande. No dia 27 o irmão mostrou-se ferido com as notícias sobre o irmão Jackson e entre outras coisas disse que Goodman e eu derrubamos o trabalho e que aquele nosso trabalho batista não tinha futuro no Mato Grosso. (SHERWOOD in NOGUEIRA, 2003, p. 59).

Enquanto Sherwood e Jackson estiveram em Mato Grosso, realizaram viagens evangelísticas e conferências juntos, e adquiriram algumas propriedades que poderiam ser usadas posteriormente para a expansão da causa batista nos novos municípios tidos por promissores em 1922. Isso também ficou registrado na agenda de Sherwood:

Em Aquidauana 5 a 15. Retornei no dia 12. Muita chuva e os cultos foram

interferidos. Pechinchei para vender a igreja e comprar lote para uma nova, obtendo emprestado três contos da Junta Patrimonial. Preguei em Campo Grande no dia 14. No retorno achei relatórios de críticas, etc. sobre a venda da escola, a igreja estava fria. Após uns dois dias o Dr. Vespasiano Martins foi chamado. Ele veio duas vezes e disse que é bronquite. Fiquei doente uns dez dias. Fui para Aquidauana no dia 30 de Outubro, para comprar o lote para a igreja e voltei no dia 31. No dia 14 fui novamente e assinei os papéis e paguei pelo lote da igreja. [...] (SHERWOOD apud NOGUEIRA, 2003, p. 59).

Para Nogueira (2003, p. 62), o missionário Sherwood, como ficou conhecido no Mato Grosso, retornou para os EUA em 1925 pois seu pai ficou gravemente enfermo e faleceu nesse mesmo ano. Sherwood volta para sua missão apenas em 1927. Nos dois anos e que ele esteve fora, as igrejas batistas do MT ficaram aos cuidados de seus membros.

Na sua volta, Sherwood tem como objetivo garantir que cada igreja tenha seu pastor. Dessa forma, a Igreja Batista de Corumbá recebeu o pastor Américo de Araújo.

A Congregação de Três Lagoas passa a ser organizada em Igreja Batista em 1925. Durante a ausência de Sherwood, a igreja ficou sob a liderança do membro João Gregório Urbieta. Quando da sua volta, o missionário reconheceu a vocação de Urbieta e este foi consagrado como pastor.

Um outro pastor matogrossense foi Victor Gutierrez. No começo do trabalho batista em Mato Grosso, Gutierrez era morador de Camapuã onde se converteu à Igreja Batista. Durante uma visita a sua família, em Coxim, ele pregou o evangelho aos presentes e muitas pessoas foram convertidas naquela oportunidade. Em 1927 ele tornou-se o pastor da Igreja Batista de Miranda (NOGUEIRA, 2003, p. 62).

Quando, em 1931, o missionário Sherwood viajou de férias para os EUA, deixou o pastor Severino Araújo em Corumbá, João Gregório Urbieta em Três Lagoas, Augusto Melo em Ponta Porã, Lindolfo de Arruda em Aquidauana e Egídio Gioia em Campo Grande. Os três últimos tinham chegado recentemente ao Mato Grosso.

Por causa das dificuldades financeiras da sociedade missionária do Sul dos Estados Unidos, a Junta de Richmond, Sherwood teve que permanecer até 1934 nos EUA. Quando retornou ao Mato Grosso, não estavam mais presentes no Estado os pastores Araújo e Arruda, que se mudaram para o Estado de São

Paulo. O batista Orestes Cardoso tinha chegado em Corumbá e permaneceu no local até 1936, quando transferiu-se para a Igreja Batista de Ponta Porã (NOGUEIRA, 2003, p. 63).

Em 1935, as Igrejas de Bela Vista e de Três Barras, que foram implantadas por intermédio da Missão do Interior da América do Sul, reivindicaram que o Conselho Batista Brasileiro as reconhecesse como Igrejas Batistas. Depois do exame nas questões doutrinárias, essas denominações evangélicas foram aceitas como igrejas pelo Conselho Batista Brasileiro. Fausto Vasconcellos foi contratado como pastor da Denominação Batista de Bela Vista. Altino Vasconcellos, da Igreja Batista de Três Barras foi consagrado a pastor e convocado para pastorear as igrejas em Aquidauana e Miranda. A adesão dessas igrejas e de seus pastores fortaleceu a denominação Batista de Mato Grosso.

Assim, em 1935, o Mato Grosso já tinha sete igrejas batistas organizadas e três congregações³. O missionário Sherwood foi peça chave neste processo, uma vez que tomou atitudes enérgicas em prol da expansão da denominação batista no Estado. Ele pode ser considerado um “desbravador” dos sertões mato-grossenses. A princípio, utilizava-se de um cavalo para ir às regiões mais distantes, pregando nas fazendas e nas regiões de garimpo, convertendo tanto as famílias dos fazendeiros quanto os trabalhadores dos campos, dos garimpos, da estrada de ferro e do porto. Onde havia convertidos, eram fundadas as congregações. Sherwood batizou sete famílias pioneiras no Estado de sobrenome Monteiro, Rodovalho, Bonfim, Batista, Barbosa, Pires Souza e Gomes, que colaboraram não só na implantação das igrejas no interior do Estado. Essas famílias também atuaram junto aos batistas de Campo Grande, quando alguns deles saíam do interior em busca de trabalho e estudo na cidade grande, onde contribuía para aumentar a evangelização na cidade. (NOGUEIRA, 2003, p. 64 e 65).

Mais tarde, quando voltou ao Brasil em 1927, Sherwood trouxe dos EUA um carro, que comprou com a parte da herança herdada de seu pai que

³ As congregações batistas consideradas “missão” não possuem estrutura jurídica independente. Elas dependem da igreja-mãe que as formou, são futuras igrejas, que vão se estruturando e amadurecendo na ideologia das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira. No caso da congregação batista de Três Lagoas, a igreja mãe era a Primeira Igreja Batista em Campo Grande (SANTO, 2003, p. 23).

seria dada à Igreja como dízimo. No Estado, havia poucas estradas, mas muitas picadas para andar a cavalo e trilhas para carro de boi. O missionário abriu caminhos com seu carro importado, viajando de cidade em cidade, parando nas comunidades e fazendas rurais. Muitas vezes seus compromissos se atrasavam por causa das péssimas condições dos caminhos. Quando era impossível prosseguir no automóvel, Sherwood optava pelo trem, para dar conta de suas viagens de pregação. (NOGUEIRA, 2003, p. 65-66). Em seu diário, ele relata algumas das suas peripécias com o auto:

Parti com o irmão Hankins e Valdir para Nioaque. Tivemos viajando bem até 11 horas, quando saímos da estrada e enguiçamos na travessia de um córrego, permanecendo por três horas. Passamos a noite na casa do senhor Antônio Moraes. No dia 05 nós chegamos a Nioaque - Um lugar histórico antigo. Eu preguei a noite na casa da dona Sofia. Eu olhei e selecionei um lote para comprar, mas o dono mora em Campo Grande. No outro dia fomos a Guia Lopes da Laguna onde tivemos um culto à noite. Eu e Apolinário procuramos um lote para o futuro e ele foi compra. No dia 07 nós fomos para Boqueirão e Três Barras. Enguiçamos no cruzamento onde permanecemos um hora e meia. Mais tarde o carro quebrou e estava próximo de anoitecer. Eu e Valdir deixamos Hankins com o carro e caminhamos até Três Barras. Foram 12 horas ou mais de caminhada. Felizmente tínhamos luar e chegamos perto das 7:30 e o culto começou próximo das 9 da noite. No dia seguinte depois do irmão Valdir ir de cavalo para o carro, o Hankins foi para a igreja. Tivemos culto após o meio dia e a noite. Na manhã seguinte nós fomos para o carro e pegamos carona na traseira de um carro, mas não pudemos fazer coisa alguma, então o colocamos atrás juntos e enviamos para Bela Vista par ver se conseguia um caminhão para levar o carro até Aquidauana. Voltou na manhã do dia 12 sem resultados. Ele e eu então fomos no mesmo ônibus para Aquidauana para conseguir um mecânico e peças de carro (NOGUEIRA, 2003, p. 68).

O trabalho missionário enfrentava muitas dificuldades de comunicação e mobilidade, e demandava persistência e coragem do missionário. O crescimento da denominação Batista iniciou lento, mas constante. Tinha o claro objetivo de alcançar as cidades novas que estavam se formando.

Conforme os relatos de Lins, Sherwood não encontrava nenhum impedimento para ir à igreja: “se o tempo estava bom ele pegava sua família e ia à igreja de carro. Se o tempo estava ruim ele ia a pé. E dizia que fazia isto, pois se ele ia a pé em dia de chuva os irmãos também poderiam ir” (LINS in NOGUEIRA, 2003, p. 66).

Sherwood contou também com o apoio de outro missionário que atuou na expansão da Igreja Batista no Mato Grosso, em especial no Sul do Estado.

William Clyde Hankis chegou ao Brasil com sua família no ano de 1941. Hankis acompanhava Sherwood sempre que podia, em suas viagens pelos sertões do Mato Grosso. Juntamente com a sua esposa Nina, a filha Nona e o filho Bill, ele evangelizou na região fronteira entre o Brasil e Paraguai, como em Amambaí, Jardim, Nioaque e Ponta Porã (NOGUEIRA, 2003, p. 66).

Com o passar do tempo, os trabalhos evangélicos aumentaram bastante e Sherwood pregava cada vez mais em direção ao Norte de Mato Grosso, enquanto Hankins cada vez mais assumia o trabalho de cunho evangélico em direção ao Sul do Estado (NOGUEIRA, 2003, p. 67). No ano de 1941, as famílias de Sherwood e Hankis foram aos Estados Unidos e em férias e lá permaneceram por cinco anos.

Enquanto esteve nos Estados Unidos, Hankins realizou muitas palestras sobre seu trabalho missionário no Brasil na Ouachita Baptist University. Foi desta forma que teve seu primeiro contato com Ana Wollerman. Quando a família Hankins voltou ao Brasil, no ano de 1946, acompanhada pela missionária Ana Wollerman ficaram alguns dias na cidade de Rio de Janeiro. Em seguida, saíram do Rio de Janeiro em direção a Ponta Porã, uma viagem que durou treze dias (NOGUEIRA, 2003, p.68).

Ana Wollerman foi uma colaboradora de extrema importância para o crescimento da Igreja Batista no MT, tendo enfrentado o machismo de sua época e alcançado a liderança em trabalhos de grande relevância, como na implantação de diversas igrejas, escolas, seminários.

Wollerman começou seu trabalho missionário educacional em Ponta Porã, já em 1946, ano de sua chegada, onde abriu uma escola de ensino primário na Vila União. Seu desafio foi aprender a língua portuguesa em tão pouco tempo, para a missionária “só Deus podia fazer este milagre na vida de uma pessoa”. (NOGUEIRA, 2003, p. 78). A mesma ainda fundou a Escola Batista de Amambai, em 1947.

Também a missionária Ana Wollerman participou de muitas Assembléias da Convenção Batista de Mato Grosso. Suas idéias em muitas ocasiões eram aprovadas nas assembléias (NOGUEIRA, 2004), mas por outro lado, para defender seu direito de expor suas opiniões, Wollerman enfrentou perseguições das autoridades dentro e fora da Igreja Batista.

Em sua atividade na Escola Batista de Amambai, Wollerman chegou a

ser acusada de ensinar “músicas estranhas” e manipular as mentes das crianças, isso porque ensinava canções em inglês, seu idioma nativo. Ela foi convocada e respondeu às acusações:

Foi lá, entoou o cântico, traduziu e explicou o porque fizera aquilo, e prometeu que a partir daquele dia iria aprender o Hino Nacional, o que era muito difícil naquele primeiro momento. A partir de então, diariamente, o Hino Nacional era cantado por todos na Escola (NOGUEIRA, 2004, p. 86-87).

Wollerman foi até considerada uma “ameaça” para alguns indivíduos, que tentaram impedir o funcionamento de sua escola em Amambai, mas a comunidade em pouco tempo aprendeu a lutar por “melhorias”, inclusive defendendo a necessidade de ensino às crianças. Da escola fundada pela missionária, surgiram profissionais, como políticos, professores, militares, médicos, comerciantes, pastores missionários, entre outros (NOGUEIRA, 2004, p. 87).

Jackson, Sherwood, Hankins e Wollerman foram os primeiros missionários norte-americanos, mas não foram os únicos a trabalhar na expansão da Igreja Batista no Mato Grosso. Desde sempre contaram com adeptos brasileiros que atuaram na divulgação da fé, sendo os primeiros os evangelistas Pedro Sebastião Barbosa e Horácio Kneipp Ladeira, que auxiliaram o missionário Deter a cuidar da Igreja Batista em Corumbá. O Pastor Urbietta também foi um desses colaboradores, que registrou passo a passo o crescimento da religião no Estado.

Juntamente com Ana Wollerman, Urbietta, assim como os demais pregadores, fundaram igrejas, escolas de ensino primário, secundário, faculdades de teologia, entre outras nas diversas localidades de Mato Grosso (NOGUEIRA, 2004; URBIETA, 1960). Urbietta, em 14 anos de atuação, evangelizou tanto em áreas urbanas como rurais, nas localidades de Areré, Ariranha, Aparecida, Corrêgo Fundo, Dois Corrêgos, Divisa, Figueira, Paranaíba, Quitéria, Tabuado, São Pedro, Véstia e muitas fazendas (URBIETA, 1960, p. 61). Ele fez diversos batismos e muitos dos indivíduos que se converteram eram oriundos do espiritismo, sabatismo, presbiterianismo e metodismo (URBIETA, 1960, p. 75).

Em seu livro de relatos, o pastor Urbietta não deixou de frisar das

dificuldades financeiras que enfrentou durante o seu trabalho de evangelização no Estado. O evangelista ainda fazia muitas visitas nas cidades que tinham a Igreja Batista e também naquelas que necessitavam da implantação de uma igreja. Juntamente com outros batistas ajudou a erguer o templo batista em Correntes (hoje “Vila Jango”) e aproveitou da sua folga para alfabetizar as crianças do povoado. Rapidamente “estava eu com uma escola mista instalada, e à noite pregava”. Urbietta escreveu em seu testemunho:

(...) íamos maravilhosamente bem. Aconteceu, porém que eu não recebia meus vencimentos a nove meses. Já estava cansado de requerer à Coletoria do Estado, ao Inspetor Escolar de Aquidauana, ao Diretor da Instrução Pública de Cuiabá, ao Ministério da Educação e ao governo do Estado, cujas respostas eram uma só: “o silêncio!...”.

Devido a essas crises financeiras enfrentadas, Urbietta foi residir em Aquidauana e inaugurou uma escola particular. Urbietta ressalta que teve:

(...) ainda o privilégio de ser um dos fundadores da 1ª Igreja Batista do Sul de Mato Grosso e tomar parte na inauguração do templo batista. O Dr. Deter honrou-nos com a sua visita em Aquidauana. Campo vasto. Trabalho intenso e extenso na sede em Miranda, Campo Grande e Camapuã, além de Corumbá e Ladário e ainda o chamado de João Pedro Dias para Cuiabá. (...) Ainda assim fui o 1º diácono batista consagrado em Mato Grosso, 1917. Os pastores Barbosa e Saledônio fixaram – se em Campo Grande. Corumbá ficou sem pastor. Chamaram o pastor Araújo, de Aquidauana, que ficou também sem pastor e elegeram-me seu evangelista, assumindo eu a direção desta igreja.

Os pregadores da Igreja Batista desenvolviam diversos trabalhos ao mesmo tempo. Além de pregadores, trabalhavam como educadores, evangelistas, colportores, ferroviários, comerciantes, jornalistas, marinheiros, militares, entre outras profissões. Sendo que, para realizar a evangelização, deixavam seus familiares para percorrer todo o “Campo Vasto” de Mato Grosso e entre outros estados do Brasil.

DADOS SOBRE O CRESCIMENTO DA IGREJA BATISTA NO MT

Segundo Nogueira (2004), até o ano de 1910 não havia trabalho missionário batista no Mato Grosso. Conforme Mesquita (1940, p. 351), no ano de 1935 já eram 10 igrejas batistas e 363 membros no Estado, graças ao trabalho de Jackson e Sherwood.

Esses números, na análise de Nogueira, demonstram que o

crescimento da religião batista no MT foi lento, especialmente em comparação com outros estados brasileiros.

O trabalho Batista até o presente é limitado ao Sul do Estado, onde temos Igrejas ou Congregações em quase todos os centros. As distâncias são grandes e a população espalhada. Êste fato, com a falta de obreiros, explica em parte porque o Estado não tem mais igrejas. O norte do Estado nos convida e gostaríamos de ter mais obreiros para entrarmos. É cedo para escrever a história de um trabalho que esperamos ver conquistar todo o Estado, de norte a Sul (MESQUITA, 1940, p. 345).

Quando a atuação dos missionários passou a ter resultados expressivos, se fez necessário uma melhor estrutura para unir as Igrejas Batistas do grande Estado do Mato Grosso. Nesse sentido foi criada no ano de 1943, em Campo Grande, a “Associação Evangélica Mato-Grossense”.

Às 8:40 horas do dia 25 de Maio de 1943, na sede da Igreja Batista de C. Grande, Estado de Mato Grosso, onde se achavam presentes os representantes das Igrejas Batistas de T. Lagôas, Camapuam, Rio Verde, Herculanea, Estrela Dalva, Ponta Porã, Bela Vista, Corumbá, Aquidauana, Três Barras e Campo Grande (...) o irmão Dr. Rafael Gioia Martins tomando a palavra como presidente, por aclamação do Instituto Bíblico Organizado pela Igreja Batista local, declarou em breve alocução que os representantes das várias Igrejas do vasto campo matogrossense, resolveram se organizar em “Associação” para efeito de maior coesão das forças batistas dispersas nos vários setores de tão grande campo, com alvo nobre e elevado de alcançar as almas que ainda gemem sob o guante do pecado e do vício, consoante a ordem do Divino Mestre. “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (...)4.

Em 1944, a Associação Evangélica Mato-Grossense realizou sua primeira assembléia, na Igreja Batista de Três Lagoas. À época, “Associação Evangélica Mato-Grossense contava com 15 igrejas locais e 900 membros (TRAPP, 1999, p. 38). Os batistas discutiram diversos assuntos relativos à expansão da Igreja, como a necessidade de ter mais obreiros na evangelização e na educação, e a de arrecadação de finanças para o fortalecimento do trabalho batista no Estado:

Às 8 horas do dia 02 de março de 1944, na sede da Igreja B. de T. Lagôas, o Presidente da Junta B. Matogrossense, Dr. R. Gioia Martins declarou aberta a sessão da mesma (Junta) concedendo a palavra a vários irmãos, tendo o Sr. Presidente ventilado os assuntos da evangelização em geral, evangelização e educação aos filhos dos Crentes e educação religiosa entre os crentes (...). Foi feito um apêlo às Igrejas representadas, no

4 Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943, p. 01.

sentido de aumentarem as suas contribuições para a Extensão do trabalho evangelístico no Campo⁵.

Os protestantes assinalaram a ausência de obreiros no Estado, principalmente em torno de Aquidauana, Bela Vista e Miranda e programaram visitas a várias cidades, entre elas, Sidrolândia, a fim de distribuir literatura religiosa⁶.

Ainda nesse mesmo ano, a “Associação Evangélica Matogrossense” mudou de nome, sendo nomeada de “Convenção Batista Mato-Grossense” (CBMT), por idéia do pastor Hankins. A Junta discutiu a idéia de fundar um colégio evangélico no Estado de Mato Grosso, de contribuir com a Biblioteca do Seminário Teológico Batista do Estado, de apoiar os obreiros, de cooperar com o Instituto “Oswaldo Cruz”, entre outros. A Junta elogiou o grande progresso da evangelização batista no Estado de Mato Grosso e por isso se almejava ter mais pastores, obreiros, missionários no campo mato-grossense, para atender cada vez mais a sua demanda⁷.

No ano de 1948, quando foi realizada a primeira reunião da Convenção Estadual da Igreja Batista, o Mato Grosso somava 16 igrejas batistas, 10 congregações, 20 pontos de pregação, 10 templos próprios, seis pastores e quatro missionários norte-americanos⁸. Na Convenção frisou-se que o Estado de Mato Grosso era um dos maiores dos Estados do Brasil, porém era o menos evangelizado e que na capital Mato-Grossense (Cuiabá) ainda não existia trabalho de cunho batista⁹.

Para ampliar a Igreja Batista no Mato Grosso, ficou instituído que no primeiro domingo de junho seria comemorado o “Dia da Evangelização Estadual”. Seria uma data de arrecadação de dízimos e ofertas para a manutenção dos trabalhos evangelísticos do Estado de Mato Grosso (NOGUEIRA, 2004, p. 90). A Convenção ainda recomendou aos batistas:

1º) Que a evangelização do Estado de Mato Grosso se processe inicialmente pelo sistema de evangelistas locais;

2º) que, para isso a diretoria da Convenção deverá procurar obreiros para

5 Idem, p. 05.

6 Ibidem, 05/06/1944, p. 05.

7 Ata da Terceira Reunião da Junta Mato-Grossense, 02/08/1945, p. 09.

8 Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. *Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950, quadro I.

9 Ata nº 03 da Convenção Batista de Mato Grosso, 03/12/1948, p. 03.

confiar-lhos tais encargos, acompanhando essa obra com orações perseverantes;

3º) que, enquanto não se encontre evangelistas consagrados, para êsses postos de trabalho, trate-se da arrecadação de fundos destinadas ao custeio desse trabalho;

4º) que se institua o Dia da Evangelização Estadual neste Estado e seja o mesmo comemorado com alegria;

5º) que se encaminhe um apelo para a Junta de Missões Nacionais pedindo obreiros para a nossa seara. Que igual apêlo seja feito a Junta de Missões Estrangeiras de Richmond¹⁰.

Ainda, na Convenção Batista de Mato Grosso:

Foi discutido e organizado um orçamento para arrecadação mensal de fundos para o custeio das despesas de evangelização do Campo, ficando o mesmo assim constituído: Corumbá Cr\$ 60,00; Miranda, Cr\$ 30,00; Aquidauana, Cr\$ 60,00; Jardim, Cr\$ 36,00; Bela Vista, Cr\$ 60,00; Ponta Porã, Cr\$ 75,00; Amambai, Cr\$30,00; Arroio Corá, Cr\$ 30,00; Campo Grande, Cr\$ 100,00; Camapuã, Cr\$ 50,00; Estrela Dalva, Cr\$ 40,00; Rio Verde, Cr\$ 30,00; Coxim, Cr\$ 20,00, Terenos, Cr\$ 40,00; Três Lagoas, Cr\$ 40,00, Total de Cr\$ 700,00. Foi resolvido que se distribuíssem circulares a todas as Igrejas citadas acima, dirigindo apêlos para a cooperação regular nesse sentido¹¹.

Mesmo não tendo representantes durante a reunião do Conselho, foram incluídas na CBMT as igrejas batistas de Terenos, Arroio Corá, Amambai e Três Barras¹². Nogueira considera que a região Sul do Estado de Mato Grosso vinha passando por um período de colonização e desenvolvimento, com pessoas provenientes de todas as partes do Brasil e, progressivamente apareciam pequenas vilas, povoações e cidades. Desta maneira, as igrejas precisavam de recursos para construir nas cidades, pelo menos um templo pequeno de madeira e também uma casa para o futuro pastor (NOGUEIRA, 2004, p. 121).

Para expandir de forma organizada a evangelização na região mato-grossense, os batistas criaram Associações Estaduais de Jovens e de Adultos. Essas associações tinham as seguintes finalidades:

1-Promover maior fraternidade, cooperação e intercambio entre as igrejas da região; 2- Promover trabalhos de caráter evangelísticos regionais, tais como campanha simultânea de evangelização; 3- Promover maior cooperação das igrejas para com a Convenção Estadual; 4- Objetivos das reuniões da Associação: a)- Teses sôbre assuntos de interesses denominacionais; B)- Evangelismo no local da realização da Associação;

10 Idem.

11 Ibidem, p. 04.

12 Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

c)- Sociabilidade¹³.

A mocidade batista no Mato Grosso pode ser considerada uma força indispensável no trabalho de divulgação da fé e evangelização no Estado. Os jovens chegaram a percorrer algumas cidades, com instrumentos musicais, levando consigo a mensagem de salvação às praças públicas a partir de 1948. Por intermédio da Mocidade, foi criado um jornal com o nome de “Arauto D’Oeste”¹⁴.

Assim como vários estados brasileiros, o Mato Grosso também tinha seu jornal batista editado pela Convenção Batista Estadual, que era denominado de “O Batista do Oeste”.

Em 1948, foi publicado no Jornal O Batista do Estado do Rio de Janeiro, que a Denominação Batista completaria 50 anos de atividades no campo mato-grossense. As igrejas foram incentivadas a comemorar a data com a busca pela implantação de 50 novas igrejas no Estado e de mais 35 pastores no Oeste brasileiro¹⁵.

O Oeste brasileiro era muito carente de infra-estrutura. De modo que cada membro das igrejas batistas que foram sendo organizadas sentia-se chamado para contribuir no âmbito da sua profissão ou habilidade para melhorar as condições de vida na região. Por isso os batistas entendiam também que sua atuação missionária era em si mesma já uma contribuição para o desenvolvimento, pois através da conversão as pessoas se tornavam mais responsáveis com seu meio e seus semelhantes.

Muitos municípios formados no período de expansão da igreja batista no Mato Grosso tiveram nos membros dessas igrejas mão-de-obra qualificada como professores, jornalistas, agricultores, caminhoneiros, colportores, marinheiros, comerciantes. Não raro, os pastores atuavam como educadores formais e como juízes, resolvendo pequenas desavenças.

A obra batista teve forte impacto nos setores mais necessitados do Estado, como na educação e na saúde. Se no início da obra batista, a alfabetização e educação dos membros se dava de maneira informal, a partir da década de 1940 começam a ser fundadas escolas batistas no MT. Nessa

13 Idem.

14 Ibidem.

15 Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

mesma época os batistas começavam a concentrar esforços e recursos financeiros para construir um hospital, o que somente veio a se concretizar em 1958, em Campo Grande.

A contribuição dos batistas para o desenvolvimento do Estado se deu com a construção de templos, escolas e hospitais. Os batistas acreditavam, porém, que a maior contribuição era a “intelectual” e “moral”. Tal contribuição, para aqueles protestantes, viria com o estudo e interpretação da Bíblia, uma vez que esses “incentivavam” as pessoas a serem “trabalhadoras” e “ordeiras”, que valorizassem a educação e a capacitação profissional, como formas de progredir socialmente e também no âmbito da virtude, o que, conforme a teologia batista, agradava a Deus.

Por terem esta postura, os batistas viviam de forma oposta à realidade de Três Lagoas, cidade povoada por muitos trabalhadores distanciados da família, prostitutas e vendedores ambulantes, com índices de marginalidade muito elevados. Devido à ideologia da sua Igreja, os batistas apresentavam à cidade uma forma de viver baseada no “progresso” material e espiritual.

Tudo indica, que os batistas se consideravam os “verdadeiros eleitos de Deus para converter o povo” e também liderar o “progresso econômico capitalista” não somente de Mato Grosso, mas de todo o Brasil.

REPRESÁLIAS CONTRA PROTESTANTES NO MATO GROSSO: O CASO DOS BATISTAS

Com a proclamação da República no Brasil e a promulgação da constituição de 1891, ficaram determinadas a separação entre Igreja e Estado e a plena liberdade de culto a todas as pessoas e confissões religiosas em todo o território nacional.

Dessa forma, o catolicismo foi obrigado a se reestruturar para impedir que as igrejas protestantes se estabelecessem e conquistassem fiéis em mais localidades, conforme a lei permitia. Em Mato Grosso, a ação católica se manifestou por meio das atitudes do arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa que, na década de 1920, fazia acusações de que o movimento protestante no Brasil servia ao imperialismo norte-americano. Interligar a expansão protestante ao imperialismo norte-americano foi então uma estratégia usada pelo arcebispo para burlar a legislação e tentar acabar com o

protestantismo de missão. Para Dom Francisco de Aquino Corrêa, “o protestantismo americano estava invadindo o Brasil por todos os lados, do litoral ao âmago dos sertões” (VASCONCELOS, 2002, p. 133).

Os adeptos do protestantismo não permaneceram passivos e realizaram uma enorme manifestação com a finalidade de caracterizar a Igreja Católica como inimiga de todas as manifestações do liberalismo (VASCONCELOS, 2002, p. 133).

A retórica de Dom Aquino passou a se focar no discurso nacionalista: “Não é preciso ser católico para ajudar a Igreja na sua missão nacionalizadora. Basta ser brasileiro e patriota”. (CORRÊA in VASCONCELOS, 2002, p. 139).

O discurso reprovatório de Dom Aquino não se limitaria à influência política e/ou religiosa da igreja protestante. Ele também fez críticas ao comportamento social dos evangélicos, retratando o matrimônio, o divórcio, o ensino (desde as escolas de ensino primário até as universidades) e o preconceito racial. Incrimina a América protestante por ser responsável pela exterminação à bala dos indígenas de suas terras, “esses mesmos índios, que o catolicismo amparou com dedicação por vezes heróica”. (CORRÊA in VASCONCELOS, 2002, p. 140).

O pastor Philipe Landes respondia ao arcebispo Dom Aquino, através da publicação de diversos artigos. “A religião não é uma qualidade inerente e constituinte da nacionalidade de um povo, mas é antes de tudo um elemento característico de toda a humanidade” (LANDES in VASCONCELOS, 2002, p. 140-141). Landes insiste em afirmar que a religião ultrapassa as fronteiras nacionais, com o intuito de descaracterizar as afirmações de Dom Aquino, que categoricamente dizia que o Brasil era uma nação católica.

Landes frisa, que não é “justo julgar a política dos Estados Unidos pelas descabidas asserções de indivíduos exóticos ou pelos excepcionais e raros atos de injustiça praticados pelo governo americano” (LANDES in VASCONCELOS, 2002, p. 141).

O pastor ainda defendia em seus discursos que o investimento de “avultosas somas no trabalho das missões evangélicas” em diferentes países tinha como objetivo acabar com as animosidades e instituir a paz entre países diferentes, e não a invasão ou ação imperialista de uma nação sobre outra. Ele confirmara ter retratado sobre a questão do analfabetismo, das doenças e das

condições morais que existiam no território brasileiro, “como conseqüências funestas dos quatrocentos anos do domínio da Igreja Romana no nosso país” (LANDES in VASCONCELOS, 2002, p. 141).

Com a Constituição republicana, os não-católicos haviam conquistado a liberdade legal para estabelecerem os seus templos, realizarem os seus cultos e promoverem propagandas para a conquista de fiéis. Aos católicos, que perderam pela legislação a exclusividade enquanto religião oficial do Estado, restava criar suas estratégias para impedir a expansão das outras religiões. A história nos mostra que a Igreja Católica, principalmente em território brasileiro, sempre esteve alerta para esta questão. Isso ficou muito claro nas iniciativas tomadas por Dom Aquino em Mato Grosso.

Em 1925, Sherwood se manifestou contra a pretensão do Presidente da Câmara dos Deputados no Distrito Federal no Rio de Janeiro, que propôs um projeto de lei tornando obrigatório o ensino religioso nas escolas públicas e privadas, mais exatamente o ensino da religião católica romana. A citada emenda não foi aprovada e o assunto foi deixado de lado pela Câmara Federal (NOGUEIRA, 2004, p. 66).

O catolicismo tentou de novo oficializar a Igreja Católica Romana como religião do Estado quando da elaboração da Constituição de 1934. Não conseguiu; porém, exerceu outras formas de pressões, como: instalar crucifixos nas câmaras municipais, estaduais e federal; a utilização de fundos públicos para erguimento de templos e catedrais; o esforço a favor da dedicação do Brasil ao sagrado coração de Jesus Cristo; estabelecimento de ligações diplomáticas com o Vaticano (REILY in VASCONCELOS, 2002, p. 137). Na visão protestante, o catolicismo estava ferindo a legislação que, em seu artigo 1º, previa:

É proibido à autoridade federal, assim com às dos estados federados, expedir leis, regulamentos ou administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando a criar diferenças entre os habitantes do país, ou serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças ou opiniões filosóficas ou religiosas (REILY in VASCONCELOS, 2002, p. 137).

Nota-se nessa citação, a liberdade instituída abrangia as pessoas, igrejas, associações e institutos agremiados, “cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua

disciplina, sem intervenção do poder político” (REILY in VASCONCELOS, 2002, p. 137).

Os religiosos e políticos adeptos do catolicismo, preocupados em evitar a expansão protestante no Brasil, não se preocupavam em ferir diretamente a legislação federal. (VASCONCELOS, 2002, p. 137). Mas, é importante enfatizar que os batistas, como os demais protestantes presentes em Mato Grosso, foram também perseguidos no Estado por pessoas que as vezes nem eram adeptas do catolicismo.

O pastor Urbietta registra que já na década de 1910, nos primeiros anos de trabalho batista no MT, já houve perseguições: “os inimigos do Evangelho tropejavam apupos, vaias e injúrias contra nós”. (URBIETA, 1960, p. 27). Ainda, Urbietta frisa que esses “inimigos”, além dos fiéis da igreja católica, eram muitas vezes coronéis ou homens de influência na sociedade, que se sentiam contrariados pela liderança de pastores, ou ainda jagunços e criminosos que se incomodavam com a postura moralista dos batistas.

Segundo o pastor batista João Gregório Urbietta, em 1911, na cidade de Corumbá:

Certa noite estávamos assistindo o culto em casa do Tenente Cunha Pontes, quando um grupo de homens posta-se em frente à casa. Reconheci no meio da chusma, as autoridades e os redatores do jornal onde eu trabalhava. Saí à rua e convidei-os a entrar- Não- disse-me o Promotor da Justiça, nós viemos aqui é para meter o pau nesse sujeito. E apontou para o pregador. (...) Um dia fui apedrejado na rua Antônio João e muitos dos meus amigos tornaram-se inimigos, mais rancorosos (...) (URBIETA, 1960, p. 25-26).

Há registro inclusive de um caso em que um membro da Igreja Batista em Mato Grosso foi procurado por um cavaleiro, no horário de culto, para ser assassinado. Conforme Urbietta, ele:

(...) dirigia culto num domingo à noite e um homem estava inquieto no banco. Diversas vezes fez menção de se levantar mas aquietava-se novamente. Despedida a congregação, o cavalheiro continuava assentado, porém, impaciente. Fui cumprimentá-lo e êle disse-me:

- O senhor sabe o que vim fazer aqui?
- O senhor conhece a Rosalinda Pereira Braga?
- Conheço, ela é membro de nossa igreja.
- e o senhor conhece o João Buchura?
- Sim, senhor. Êle é também de nossa igreja.
- Ora, pois eu contratei casamento com a Rosalinda e combinamos em eu ir à fazenda preparar a casa e depois voltaria neste mês para marcarmos o

dia do casamento. Fui, arrumei tudo e voltei no prazo marcado e eis que a encontro de casamento tratado com o João Buchura. Eu vim prevenido para os matar e o meu cavalo está ali do outro lado do rio, prontinho para eu me escapular, mas, diante do que eu ouvi esta noite na sua pregação, eu desisti do meu intento.

Dei-lhe os meus parabéns, os meus conselhos e nunca mais o vi. Foi o poder do evangelho, que evitou uma catástrofe (URBIETA, 1960, p.45).

Além da perseguição aos adeptos do protestantismo, também houve casos de templos batistas destruídos, como por exemplo, de Aquidauana o qual sofreu um início de incêndio numa noite de culto, no final da década de 1910 (URBIETA, 1960, p. 45- 46).

Como já afirmamos, as perseguições nem sempre se davam por intolerância religiosa, mas por disputa de poder, em um Estado que se encontrava liderado por muitos coronéis e bandidos. Esse período da história do Mato Grosso é marcado pela violência, característica do sistema colonial de exploração dos recursos naturais (CORRÊA, 1995, p. 16).

A Igreja Batista em Mato Grosso vivenciou o período em que o Estado se encontrava nas mãos dos grandes senhores de “Baraço e Cutelo”, que foram os responsáveis por impor à sociedade a condição de um povo armado perante a violência política. A cultura armamentista se transformou em uma atividade econômica em resposta a uma postura política. O coronelismo guerreiro gerava o que Corrêa classifica como banditismo endêmico. Tanto no Norte quanto no Sul de Mato Grosso a luta armada esteve totalmente presente e controlada por uma oligarquia nortista e de Cuiabá, durante a República Velha, a república dos coronéis. A relação de coronéis e bandidos no período republicano apresentou características definidas em duas fases acabadas entre as décadas de 1930 e 1940 (CORRÊA, 1995, p. 16-17).

A violência política no Estado era resultante do processo histórico, recheado de elementos de conflito como a guerra com o Paraguai e as repercussões da invasão no território mato-grossense, e as conseqüências políticas e sociais da passagem do regime monárquico para o republicano. Esse momento histórico permitiu o acirramento das disputas em busca de legitimidade de poder a nível local e também estadual (CORRÊA, 1995, p. 18).

Mas nem todas as igrejas batistas do Estado enfrentaram represálias. A partir da década de 1940, a Igreja Batista em Rio Verde, por exemplo, desfrutou de grande paz durante o seu estabelecimento e expansão, devido a

dois fatores. O primeiro está relacionado à imensa participação de seus adeptos na sociedade: na cidade as escolas públicas eram precárias, e o único professor que se dispunha a ir dar aulas particulares do ensino básico às crianças e jovens era batista. Quando do loteamento das quadras e fundação das ruas da cidade, alguns membros da igreja batista ajudaram no trabalho de agrimensura dos funcionários do governo. Além disso, os representantes do catolicismo em Rio Verde eram da Missão Salesiana, que, devido às dificuldades de locomoção, vinha apenas esporadicamente à localidade para dar assistência à pequena capela católica (atual Catedral de Nossa Senhora Auxiliadora). Na realidade, a principal agressão aos adeptos da Igreja Batista da referida cidade veio de baixo: “das pulgas e percevejos alojados nos bancos da igreja de pau-a-pique” (GASPARINI, 2004).

No Estado, os batistas não deixavam de evangelizar e fundar igrejas mesmo com as perseguições que enfrentavam, e diversas vezes adquiriam propriedades para realizar a expansão da missão batista em Mato Grosso.

MACHISMO COMO OBSTÁCULO NA PREGAÇÃO BATISTA NO MATO GROSSO

Apesar da presença do machismo no meio batista, as mulheres batistas em Mato Grosso conquistaram espaços no trabalho evangélico, galgando degraus especialmente na área de educação em séries iniciais e na área da saúde. Contudo, nos primeiros anos elas sofreram sanções por parte de certas lideranças, em especial do missionário Sherwood.

Na ideologia Batista, as mulheres têm tanto direito quanto os homens e devem ser respeitadas, pois, com seus maridos, elas formam o alicerce das famílias, sendo as principais responsáveis pela educação de homens e mulheres de bem. Elas têm também direito de trabalhar fora de casa, se fosse necessário ou desejassem, e são importantes na evangelização e dentro da Igreja assim como na sociedade em geral.

Contudo, no caso do Mato Grosso, durante os primeiros anos de trabalho batista as mulheres sofreram muito preconceito, mesmo quando trabalhavam na comunidade exclusivamente em prol da igreja. Seus esposos não queriam que suas companheiras saíssem de casa e ganhassem notoriedade do espaço público.

Segundo Nogueira (2004, p. 78), a missionária Ana Wollerman denunciou a discriminação que o missionário Sherwood tinha ativado contra as mulheres no Mato Grosso. Wollerman não aceitou o fato de as mulheres serem obrigadas a fazer suas orações numa sala nos fundos da igreja, de modo a ceder espaço para os homens no salão principal do templo.

Na visão de Sherwood, as mulheres batistas não podiam cortar os cabelos. Certa vez, uma senhora da Igreja Batista que quebrou o braço e não conseguia pentear o cabelo comprido, cortou seu cabelo, sendo por isso, excluída da Igreja. As mulheres precisavam se desfazer de todas as suas jóias e objetos de ornamentação ao se tornarem membros da igreja. A vestimenta permitida consistia em saias compridas e blusas com manga.

A missionária Ana Wollerman, em meio a essa situação, buscou em primeiro lugar amparar este grupo de senhoras e, muito mais tarde se organizou através da União Feminina Missionária Batista de Mato Grosso. Com o passar dos tempos, muitas dessas restrições, especialmente no que diz respeito aos usos e costumes, foram extintas, como por exemplo, as mulheres usarem saias compridas, blusas com mangas, cabelos longos, entre outras (NOGUEIRA, 2004, p. 78-79).

A defesa dos direitos das mulheres foi uma herança que Ana Wollerman trouxe da cultura estadunidense. A luta das mulheres por meio da manifestação feminista criou em todo o mundo opositores severos à inclusão da mulher em quaisquer atividades, fosse do saber, profissional, entre outras. É possível que na formação religiosa o pastor Sherwood tenha recebido esta orientação repressora, o que justificaria o fato de sua esposa não ser mencionada em nenhuma viagem ou atividade eclesiástica, tendo somente a função de cuidar dos filhos e da casa (SCOTT in NOGUEIRA, 2004, p. 78).

Conforme Maria Abádia da Silva, as mulheres brasileiras tiveram de vencer os obstáculos e transgredir regras e normas determinadas pelo catolicismo, pelos governos e pelos políticos para terem o direito de acesso à educação escolar. Os pais não aceitavam que suas filhas fossem à escola e quando aceitavam, procuravam as congregações religiosas na convicção de que suas filhas seriam educadas na doutrina do cristianismo e nos bons costumes. As congregações religiosas no país colocavam em prática a doutrina cristã da Igreja Católica e implantaram suas instituições escolares, onde

ofereciam cursos e aulas para meninas e meninos (SILVA, 2005, p. 45).

Desde o período colonial no Brasil, as mulheres enfrentaram discriminações da Igreja Católica. Durante o século XIX, em todas as escolas era totalmente proibida a inclusão de crianças negras, mesmo livres. Também, em algumas regiões do país, as mulheres – de qualquer cor – foram proibidas de freqüentarem as escolas (FILHO in SILVA, 2005, p. 47). No Brasil, quando não existiam escolas formais, a educação se dava nos sermões dos padres na missa dominical, por intermédio das normas de comportamento social, pelas palavras dos coronéis, na realidade pronunciada pela boca de um juiz ou pelo bispo. A educação também ocorria nas famílias, no(s) trabalho diário dos trabalhadores, nas rebeliões, nas fugas, nos rituais e nas festas religiosas, nas tentativas de organização dos trabalhadores, nos movimentos populares e culturais (SILVA, 2005, p. 47).

A denominação batista buscava oferecer às mulheres oportunidades de educação, para que pudessem também compor a mão-de-obra qualificada tanto para o mercado de trabalho quanto para a atuação na sociedade civil e na obra missionária.

No Mato Grosso houve mulheres convertidas, mas estas eram proibidas de freqüentar a Igreja Batista por decisão de seus esposos “perigosos”, os quais juravam-nas de morte se caso se batizassem na denominação evangélica. Um exemplo pode ser mencionado, como o da Dona Graciana que residia num vilarejo conhecido como Divisa. Ela foi jurada de morte pelo seu marido Beló caso se batizasse. Mesmo assim, Graciana desobedeceu seu esposo:

(...) eu já sou crente e quero me batizar, mas o Beló já disse que se eu me batizar êle me mata. Quando êle fala assim faz mesmo, porque é muito malvado, mas eu prefiro morrer obedecendo a Jesus a viver em desobediência. Se o senhor, está pronto a me batizar assim mesmo, eu também estou pronta... (URBIETA, 1960, p. 63).

Com o passar do tempo, a batista Graciana conseguiu que seu esposo se convertesse à denominação Batista, o que gerou muito comentário na comunidade:

Muitos diziam: “Não vamos assistir à reunião de Gregório, porque ele faz uma oração que a gente vira mesmo! Não tão vendo o Beló? Quem diria!” (URBIETA, 1960, p. 63).

Muitas mulheres batistas, que eram também donas-de-casa participaram no desenvolvimento da Igreja Batista em Três Lagoas, como por exemplo, nas pregações bíblicas, nos trabalhos braçais, no auxílio financeiro por meio dos dízimos e ofertas, nas visitas de membros, na conversão de pessoas, entre outros.

A missionária Ana Wollerman dirigiu muitas reuniões da Convenção Batista de Mato Grosso, especialmente em Três Lagoas quando desafiou os batistas do Estado a se engajarem na fundação de escolas, igrejas, hospitais e orfanatos.

Gostaríamos de destacar que os principais personagens mencionados neste capítulo foram as lideranças das igrejas batistas do Mato Grosso entre as décadas de 1910 e 1940, mas que não foram os únicos responsáveis pelo crescimento da Igreja Batista neste Estado. Pelo contrário, precisamos enfatizar a importância dos servidores anônimos que são a base dessa congregação religiosa. Graças à atuação dos primeiros membros foram realizadas campanhas para arrecadação de recursos para fundação de obras beneficentes, não só no Estado como em outras regiões do Brasil.

No Estado de Mato Grosso, à época, as mulheres e os jovens formavam grupos sociais que não contavam com políticas públicas para sua promoção pessoal e profissional. Essas pessoas encontravam na igreja uma instância que lhes trouxe destaque social frente à comunidade.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Valmir Batista. Coronéis e bandidos em Mato Grosso. Campo Grande: UFMS, 1995.

MESQUITA, Antônio N. de. História dos Batistas do Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1940.

NOGUEIRA, Sérgio. Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Dourados: Inove, 2004.

_____. *Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*. São Paulo, 2003. Dissertação. Umesp São Bernardo do Campo.

SILVA, Maria Abádia da. *Educadores e educandos: tempos históricos*. Brasília: UnB, 2005.

TRAPP, Carlos Osmar. *Evangélicos em Campo Grande: Origens e desenvolvimento*. Campo Grande, 1999.

URBIETA, João Gregório. *Semeando a boa semente: autobiografia do pastor João Gregório Urbieta*. Rio de Janeiro: Evangélica Dois Irmãos S.A., 1960.

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. *Protestantes e Católicos em Mato Grosso: relações conflitivas no início do século XX*. Revista Fronteiras, Janeiro a Junho de 2002.

FONTES ESCRITAS ALMANAQUES

Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. *Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

ATAS

Atas e pareceres da 68ª e 69ª Assembléia Anual da Convenção Batista Brasileira (CBB). Vitória e Brasília: Casa Publicadora Batista, 1987 e 1988.

Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943.

Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 05/06/1944.

Ata da Terceira Reunião da Junta Mato-Grossense, 02/08/1945.

Ata nº 03 da Convenção Batista de Mato Grosso, 03/12/1948.

Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

JORNAIS

GASPARINI, Eraldo Luis Pagani. Epopéia de fé no sertão mato-gossense: Os Batistas em Rio Verde. Folha do Pantanal. Rio Verde, 2ª quinzena de mai. 2004.

SOUZA, Diacir de. Igreja Batista comemora 71 anos em Bela Vista, *Diário MS*, Dourados, 21 mar. 2007.

FONTES ORAIS

ENTREVISTA. Jonathan de Oliveira. (Transcrição oral). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFMS, 2008. 2h (aprox.). Son.